

Das mediações às materialidades: reconfigurações das práticas de escuta musical

Jorge Cardoso Filho*

Resumo:

Os estudos sobre as práticas de escuta contemporâneas e suas incidências sobre as novas formas de produção musical partem, acertadamente, de uma perspectiva que coloca as tecnologias como apenas uma das mediações que reconfiguram a experiência. Entretanto, é necessário radicalizar essa posição e questionar a profundidade (volume) das diferentes mediações, em sua materialidade. Uma revisão dessa natureza permite não apenas compreender as transformações nas práticas de escuta, como também suas relações com os aspectos auditivos da sensibilidade.

Palavras-chave: Mediações; Materialidades; Escuta.

Abstract:

Studies on the contemporary listening practices and its repercussions in the ways people produce music are correct when they say that technology is just one of mediations that reconfigures an experience. Nevertheless, it is important to radicalize this proposition questioning the depth (volume) of each mediation, in its own materiality. This kind of review makes possibly to understand both the transformations on the listening practices and the relations with hearing aspects of sensibility.

Keywords: Mediations; Materialities; Listening.

1. Escuta e audição

Embora o *ouvir* possa ser considerado uma capacidade fisiológica, o *escutar* não goza de tal estatuto. Ao contrário, escutar parece ser uma ação que pode ser aprendida, exercitada e sofisticada de modo a estar associada a uma dimensão cultural. Escutar, portanto, implica usar os códigos e repertórios existentes na percepção das relações e dinâmicas do som. Pode, nesse sentido, ser objeto de estudo da Comunicação.

Sobretudo quando abordada pela perspectiva da presença da mediação tecnológica na música, é extremamente interessante pensar nesse aspecto ativo da escuta:

A partir do surgimento da fonografia houve um progressivo condicionamento da escuta ao material musical gravado e reproduzido por alto-falantes. A mudança gerada pela mediação tecnológica em relação à escuta musical não foi apenas contextual, mas alterou significativamente a

* Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Doutorando em Comunicação – UFMG. Agradecimentos para a CAPES e ao DAAD, que concederam bolsa para desenvolvimento dessa pesquisa.

relação que os ouvintes estabelecem com a música (IAZZETA, 2009, p. 37). Isso conduz a investigação para aquele campo onde as alterações nos *media* são fundamentais para compreender a instauração de novos padrões poéticos e estéticos, padrões que seriam aprendidos e exercitados, instaurando novas práticas de escuta. A questão é que essa reconfiguração na ordem prática, deve avançar em direção a apontar reconfigurações nas capacidades materiais, inclusive fisiológicas, de ouvir. Deve tomar a prática cultural de *escutar música* não como algo imaterial, mas como uma conduta que transforma as próprias capacidades perceptivas.

A argumentação desse trabalho transita, portanto, entre uma visão generalizante das mediações e uma perspectiva da teoria das materialidades, atenta as singularidades materiais de cada nova prática de escuta e sua incidência na cultura de audição.

2. A perspectiva das mediações

Em 1987, Jesús Martín-Barbero publicava a primeira edição do livro *Dos meios às mediações* e apresentava sua proposta de entendimento das mediações como uma forma de uso social dos meios. O autor reivindicava um retorno às questões particulares dos variados processos de mediação com o social, das quais os meios de comunicação de massa eram uma ocorrência recente e que, de forma equivocada, foi superestimada pela tradição da sociologia da comunicação. A tradição filosófica a qual se dedicou forneceu-lhe uma compreensão das formas de mediação com o simbólico diferente das formas como esse tema é tratado no campo da Comunicação – como sinônimo de mediatização. O título do seu livro, portanto, tenta recolocar os meios de comunicação como uma das forças que participa do processo de agenciamento cultural e político, mas não como a força exclusiva.

Isso significa que o autor propõe um deslocamento da tradição de pensamento funcionalista no campo da comunicação, bem como das explicações de cunho informacional e cibernética, para um direcionamento sobre o uso social dos meios. As interpretações dos textos de Adorno e Benjamin são algumas das principais contribuições de Martín-Barbero para reposicionar o debate sobre a comunicação e cultura de forma a evitar um *mediacentrismo*, num panorama que desenvolvia um interesse cada vez maior pelas peculiaridades das tecnologias de comunicação e informação (TIC's) e seu papel legitimador na cultura capitalista e na força do mercado. Não deixa de ser irônico, portanto, que as teses da Escola de Frankfurt sejam retomadas pelo autor tanto com o respeito teórico quanto com a frustração de quem percebe

um modelo dialético que não comporta a realidade da América Latina – preocupação fundamental de Martín-Barbero.

Os trabalhos da Escola de Frankfurt induziram a abertura de um debate político interno: no início, porque suas idéias não se deixavam usar politicamente com a facilidade instrumentalista à qual de fato se prestaram outros tipos de pensamento de esquerda, e mais tarde porque paradoxalmente fomos descobrindo tudo o que o pensamento de Frankfurt nos impedia de pensar por nós próprios, tudo o que de nossa realidade social e cultural não cabia nem em sua sistematização nem em sua dialética (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 76).

Provavelmente por este motivo, o autor vai iniciar sua reflexão questionando quais os marcos iniciais da distinção entre povo e massa e as reflexões sobre a sociedade de massa, a fim de demonstrar que desde a revolução industrial tais categorias vinham sendo pensadas por Alex de Tocqueville e que o tema não é inaugurado pela reflexão frankfurtiana. Na verdade, o papel da Escola de Frankfurt nessa discussão está mais relacionado à elaboração de uma crítica à lógica que opera numa sociedade de massa, nos escritos de Adorno e Horkheimer, ou nas potencialidades enxergadas nessa estruturação social, nos escritos de Benjamin.

De Adorno e Horkheimer, Martín-Barbero explora a tese da unidade entre a lógica da indústria e a lógica da cultura e a tese da degradação da cultura em indústria da diversão (muitos teóricos da comunicação a denominam entretenimento). De Benjamin, o autor vai retomar a preocupação com a experiência e o questionamento sobre o que irrompe na história com as massas e a técnica, de modo a demonstrar que o que Adorno procura resguardar, ao expor a fratura histórica na cultura burguesa, é a escuta contemplativa e a experiência solitária ao passo que Benjamin aposta num valor transformado em virtude dos novos processos de produção na era da reprodução mecanizada.

Desse modo, o movimento reflexivo proposto por Martín-Barbero ampara a perspectiva do modo adequado de experiência de escuta, na medida em que reconhece que na complexa rede de inter-relações entre as lógicas de produção da indústria fonográfica (um braço da indústria do entretenimento) e a competência de recepção dos ouvintes (onde se manifesta a experiência) há sempre negociação com aspectos culturais e tecnológicos da vida cotidiana e com os recursos expressivos utilizados e criados pelos grupos musicais.

A construção do *mapa “noturno” das mediações* surge como uma tentativa de incorporar as complexidades e apreender com maior eficácia os tipos de transformações nos valores, sentidos e experiências que estão a ocorrer. A idéia principal consiste em reconhecer os pontos de mobilidade e perspectiva da cartografia, que podem gradualmente se transformar e

instituírem novos valores, sentidos e experiências.

Propomos então um mapa que se movimenta sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico, de larga duração – tensionado entre as *Matrizes Culturais* (MC) e os *Formatos Industriais* (FI) –, e outro sincrônico, tensionado pelas *Lógicas de Produção* (LP) em sua relação com as *Competências de Recepção ou Consumo* (CR). Por sua vez, as relações entre MC e as LP se acham mediadas por diferentes regimes de *Institucionalidade*, enquanto as relações entre as MC e as CR estão mediadas por diversas formas de *Socialidade*. Entre as LP e os FI medeiam as *Tecnicidades*, e entre os FI e as CR as *Ritualidades* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 230).

Assim, o autor vai apontar a *cotidianidade* no espaço doméstico como possibilidade de liberdade criativa, normalmente restrita pela monotonia de um trabalho vinculado às indústrias de entretenimento. Também o *consumo*, se pensado de forma não-reprodutivista nem culturalista, pode oferecer essas possibilidades de apropriação cultural e a *leitura*, finalmente, entendida de forma ampla, como produção que questiona a centralidade do sentido e reconhece as assimetrias nas competências de interpretação.

3. Uma diluição explicativa

Essa mobilidade e fluidez argumentativa é, entretanto, um aspecto criticado nas proposições de Martín-Barbero:

Pois se a mediação é todo um complexo social incomensurável que resignifica os produtos culturais, criando sentido intersubjetivo, então há pouco de comunicação e muito de sociologia na abordagem, que não permite vasculhar a translação de significações em sentidos, que não explica como a natureza anódina do significado textual se transforma em sentido social (BASTOS, 2008, p. 88).

Fica claro que Bastos espera que a explicação venha de um detalhamento da compreensão do conceito de sentido, que ele julga estar velado na formulação teórica de Martín-Barbero, mas não devidamente explicado. Guimarães & Leal (2008) destacam o comprometimento do valor heurístico da proposição de Martín-Barbero, uma vez que ela acaba oscilando entre aspectos técnicos, configurações culturais ou valor discursivo, a depender da situação. Contudo, os autores entendem que o ideal para circunscrever o alcance do paradigma das mediações, de modo a construir uma ferramenta de estudo mais eficiente, é promover o diálogo com o conceito de experiência, pois esta é mais ampla e possibilita, entre outras coisas, a emergência do sentido. Ao contrário do que afirma Bastos o que estaria “velado” na proposição do teórico colombiano não é o conceito de sentido, mas sim de experiência – que já vinha sendo apresentado ao discutir com a tradição de Frankfurt.

Um paradigma das mediações circunscrito pela reflexão sobre a experiência apresenta um grande potencial para explicar os processos de produção e reconfiguração do sentido, na medida em que entende a cultura, a comunicação e a política como aspectos relacionados e deixa espaço para entender as contribuições da interação com singular em cada situação – inclusive àquelas singularidades que não dizem respeito apenas à dimensão do sentido, mas também da sensibilidade. Permite, por um lado, apreender a experiência musical perpassada pelas mediações da vida cotidiana, do consumo e da leitura e, por outro lado, investigar a erupção das singularidades na experiência, seja ela de sentido ou estética.

Ainda assim, o mapa “noturno” das mediações proposto por Martín-Barbero não garante, por si só, a identificação dos diferentes níveis de constrangimento que as mediações exercem no desenvolvimento da experiência. Isso porque mesmo em planos diferenciados, os pontos do mapa noturno estão sempre em um *plano* e essa planitude impossibilita apreender a profundidade dos fenômenos.

A questão é que o rearranjo dos elementos do mapa das mediações não é fator exclusivo para explicar as mudanças na experiência, mas também aos abismos existentes entre as instituições simbólicas e aos aparatos coercitivos que inibem a ação inventiva. As possibilidades de intervenção e invenção dos sujeitos inseridos nesse mapa de mediações, bem como as reconfigurações dos mapas decorrentes da ação desses sujeitos, estão também condicionadas às formas expressivas onde as instituições e poderes disciplinadores se manifestam.

É necessário repensar os *media* com um novo e intransigente grau de rigor científico, focando a lógica intrínseca tecnológica, alterando as relações entre corpo e meio, os procedimentos de processamento de dados, ao invés de avaliá-los do ponto de vista do seu uso social (WINTHROP-YOUNG & WUTZ apud KITTLER, 1999, p. xiv).

As relações estabelecidas nos variados pontos do mapa das mediações emergem graças a aspectos materiais (características mediáticas, portanto) que favorecem a produção de alguns objetos e não outros, o desenvolvimento de determinados formatos tecnológicos e não outros, a prática de competências de recepção específicas e não outras. O mapa das mediações de Martín-Barbero deveria, assim, ser revisitado e radicalizado, à luz das concepções de autores preocupados com essas dimensões materiais da cultura, como o próprio autor ensaia ao tocar nas reflexões de Benjamin sobre o *sensorium* da massa.

4. Fortalecimento das materialidades

Uma contribuição significativa de mapeamento de autores que entendem o corpo como um

objeto central da reflexão sobre a cultura, divorciado do espírito e com todas as inscrições que sofre nas relações com o poder e com os aparatos tecnológicos, foi dada por Felinto & Andrade (2004). Segundo eles, a virada propositiva dos teóricos preocupados com o aspecto material concede uma dimensão menos marcada pelo antropocentrismo, antitecnologismo e transcendental à cultura. Como não percebem, ainda, uma forma segura de sistematizar metodologicamente o campo que se abre, sugerem acompanhar os desenvolvimentos investigativos de teóricos sensíveis a esse aspecto material.

Simmel, Kracauer e Benjamin se inscrevem como precursores do pensamento da materialidade por partilharem essa visão que tão importante quanto os *sentidos/significados* sugeridos por uma cultura, são os choques, as sensações, as afetações perceptivas, corpóreas, enfim, materiais, que essa mesma cultura promove através de diferentes meios e tecnologias, produzindo transformações corpóreas importantes (FELINTO & ANDRADE, 2004, p. 88).

Assim, o mapa “noturno” das mediações pode ser amparado por um *mapa “de relevo” das materialidades*, que concederia maior volume e tridimensionalidade à proposição de Martín-Barbero, na medida em que cada um dos aspectos das mediações se encontra em “níveis”, por vezes, incompatíveis ou em planos diferenciados. Como toda experiência tem profundidade, uma ampliação dessa magnitude permitirá um estudo detalhado da experiência, em suas variadas particularidades, delineada tanto pelos aspectos das mediações simbólicas quanto pelos contatos materiais com o real.

Além dos teóricos alemães já mencionados por Felinto & Andrade, a reflexão sobre as materialidades no campo da Comunicação tem uma história que remonta à tradição de Marshall McLuhan e aos intelectuais da Escola de Toronto. Entretanto, o tema vem reaparecendo no contexto atual sobre a influência de teóricos como Friedrich Kittler e Hans Ulrich Gumbrecht.

As teses de Kittler repousam na asserção de que a análise do discurso dos pós-estruturalistas franceses vacila ao não tematizar a medialidade das próprias práticas discursivas sobre as quais se debruçavam, o que implica dizer que o arqueólogo da experiência deveria se preocupar com as condições de possibilidade de emergência, sobretudo, da sua própria prática discursiva. Kittler busca sanar este vacilo ao questionar fortemente os sistemas de notação predominantes em diferentes contextos e o modo como eles possibilitam a emergência de certos objetos.

Seria necessário pensar, em primeiro lugar, os aparatos que possibilitam o armazenamento, transmissão e reprodução de certos objetos/conteúdos e não outros, focando as práticas e não

os conteúdos, pois os conteúdos são possíveis graças a estruturas materiais, que são anteriores ao sentido. A gravação e o armazenamento de sons em sistemas analógicos, como em cilindros, caixinhas de música e fonógrafos foram todas situações em que as tecnologias conformaram e cultivaram a sensibilidade auditiva das gerações. Em segundo lugar, seria necessário investigar os “ruídos” trazidos pelas medialidades associadas àquela prática, como o chiado característico dos reprodutores de LP, que foi incorporado como elemento da experiência musical de um tempo. Finalmente, seria necessário tomar o corpo como o âmbito de convergência das práticas culturais, conformado e reformado pelo sistema de notação no qual está inserido. Assim cantar corretamente não seria nada mais do que sofrer da incapacidade de produzir sons "esquisitos".

As proposições de Gumbrecht podem ser compreendidas tomando como plano de fundo, junto com Karl Ludwig Pfeiffer, a organização da coletânea de ensaios sob o título *Materialität der Kommunikation*, que apresentava alguns novos problemas de investigação para as ciências humanas, pautados na dimensão material que é condição de possibilidade de qualquer processo de produção de sentido. O leitor é apresentado ao pensamento seminal que congrega os textos: um conjunto de reflexões que revalorizam as práticas e relações com o mundo que questionam o ato interpretativo como modelo único de apreensão.

Como condição de possibilidade dos processos de produção de sentido, a materialidade traz consigo tanto a pressuposição quanto a indução de uma habilidade, uma competência específica que não se trata de mera ação psicológica, mas de um conjunto de práticas e condutas que se desenvolvem nas interações, por meio dos avisos fornecidos tanto pelos objetos expressivos predecessores quanto pelo contexto de surgimento. Nesse sentido, as materialidades da comunicação anunciam competências diferentes em variados contextos.

Quase vinte anos já se passaram desde a publicação da coletânea *Materialität der Kommunikation*. Nesse intervalo de tempo, a diversidade de temas e abordagens apresentadas no volume ainda não foi subsumida em uma teoria das materialidades. Não existe ainda uma epistemologia ou metodologia definidas para investigar alguma segurança o campo mapeado por esses pesquisadores (FELINTO & ANDRADE, 2004, p. 79).

Gumbrecht, entretanto, oferece algumas pistas de onde essas metodologias podem ser extraídas em um ou outro texto, sugere os estudos de Louis Trolle Hjelmslev sobre o signo e na subdivisão das faces da expressão/conteúdo em estratos de forma e substância, os escritos de Paul Zumthor sobre a dimensão físico-sensual da voz na poesia oral medieval e na música, a proposição da estética do aparecer de Martin Seel e até mesmo as proposições de Kittler. De todos eles seria possível extrair aspectos para abordar o campo “não-hermenêutico”, como

denomina Gumbrecht (1998).

Essa denominação, entretanto, possui seus próprios problemas. Gumbrecht parece generalizar, nesse ponto de sua argumentação, a hermenêutica como uma ciência da interpretação e negligenciar os esforços de autores que foram devedores do pensamento hermenêutico alemão, mas que entendem o corpo como aspecto central do processo interpretativo e da existência, como Maurice Merleau-Ponty e Paul Ricoeur, por exemplo. O próprio Martin Seel (2007), com o qual Gumbrecht dialoga fortemente, se coloca contra uma despedida precipitada entre Estética e Hermenêutica.

O caráter extremamente pontilhado dos textos de Gumbrecht insinua muitas relações, mas não desenvolve minuciosamente ou resolve qualquer dos problemas apontados. A tarefa de pensar novos “sistemas de acoplagem” cabe a cada estudioso individualmente. Com esse objetivo, Almeida (2008) propõe a problematização do que ela vai chamar de “corpo do som” ao perceber que no caso da canção contemporânea, o aparato tecnológico age como uma espécie de configurador do produto, elemento que não seria considerado na literatura.

Não é de todo absurdo afirmar, como já sugerido, que as materialidades referentes à tecnologia têm na canção uma função bem mais preponderante que na literatura. Nesta, a tecnologia atua na transmissão, sendo, portanto, substância. Na canção ela acaba por tornar-se componente da própria forma de expressão. Refiro-me, por exemplo, ao fato, de que a voz e a instrumentação que se ouvem no CD apresentam timbres mediados pelo microfone e pelas demais técnicas de gravação (ALMEIDA, 2008, p. 322).

É um tanto quanto irônico que Almeida tenha negligenciado as considerações de Paul Zumthor (2007) – autor com o qual ela dialoga – sobre o apelo à voz e ao corpo que a literatura tradicionalmente empregou como característica poética. Para além da materialidade do próprio livro, a presença de um leitor e uma ausência que é característica da demanda poética, insistem em manifestar um outro, uma voz muito forte que mantém o conjunto das energias corporais, tal qual na canção. É verdade que certas tradições literárias procuraram remover os apelos à voz e ao corpo do seu projeto poético, contribuindo para a hipostasia da interpretação, mas nem por isso uma conclusão da materialidade do livro como mera substância se sustenta.

Por outro lado, há algum truísmo na afirmação de Almeida quando se trata do papel diferenciado desempenhado pelas materialidades tecnológicas em objetos distintos. Não porque, em si mesma, canção ou poesia escrita empreguem esses elementos como substância ou expressão, mas porque no arranjo do mapa das mediações esses aspectos podem ficar menos explícitos. Embora, por exemplo, seja possível tomar a tecnologia de gravação como

um instrumento de documentação de uma apresentação ao vivo, raramente ela (a gravação) se presta a essa mínima atividade. Do mesmo modo, a leitura poética pode ser enriquecida pelas características materiais do livro ou do *e-book* (se pensarmos na Web), mesmo que a preocupação fundamental seja o sentido da obra.

A questão é que a gravação no campo musical e a leitura poética estão numa configuração dominante determinada que constroem confecção e experiência, de modo que são tradicionalmente exploradas de acordo com um padrão – exatamente o padrão instituído na última reorganização do mapa tridimensional das mediações. É importante perceber a extensão dos elementos em jogo para caracterizar esse processo, pois o modo como os ouvintes se relacionam com os produtos, fenômenos ou expressões musicais não pode ser compreendido segundo uma lógica causal, pensando a relação direta entre um elemento sobre o outro, mas sempre numa dimensão relacional, em que o tipo de relação que se estabelece entre cada um afeta o tom da experiência.

5. Possibilidades

Estabelecendo um diálogo entre a teoria das mediações e a teoria das materialidades, os estudos garantem amplitude suficiente para incorporar novos elementos que venham a ser desenvolvidos ou que participem da dinâmica de conformação *da* experiência de escuta, bem como oferecem possibilidade de tematizar os aspectos singulares que se configuram *na* experiência de escuta. Transitar entre as mediações e as materialidades para estudar as práticas de escuta e a cultura de audição, significa radicalizar as reflexões de Martín-Barbero, tanto a partir dos elementos presentes na sua tese quanto dos elementos somente anunciados pelo autor.

Esse tratamento revaloriza os *efeitos de choque* que os aspectos materiais das relações produzem sobre os sujeitos, contribuindo para a consolidação ou emergência de padrões de sensibilidade condizentes com aquelas situações. Certamente, esse é um ponto que Iazzeta (2009) deveria desenvolver de forma mais radical na sua explicação sobre as relações entre música e mediação tecnológica, sob pena de continuar tratando as práticas culturais como reféns das tecnologias.

A sugestão que se apresenta aqui é, a partir de um mapa tridimensional das mediações, investigar a experiência de escuta e sua incidência sobre a audição com contornos mais precisos, a fim de poder explicar as formas de organização da complexa rede de mediações

que perpassa toda experiência.

Bibliografia

ALMEIDA, Tereza. O corpo do som: notas sobre a canção. In: MATOS, Cláudia *et al* (org.). **Palavra Cantada: poesia, música e voz**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 316 – 326.

BASTOS, Marco. Do sentido da mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS**, volume 35, 2008, p. 86 – 89.

CARDOSO FILHO, Jorge. As materialidades da canção midiática – contribuições metodológicas. **Revista Fronteiras**, volume 11, n. 02, 2009, p. 80 – 88.

_____. A incidência dos conceitos de mediações e experiência no estudo da música popular massiva. In: OLIVEIRA, A. *et al* (org.). **Comunicação e Interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 131 – 146.

FELINTO, Erick & ANDRADE, Vinícius. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. **Contemporânea**, volume 03, n.01, 2004, p. 75 – 94.

FREIRE, Sérgio. Entre a produção e a mediação sonora: a presença de alto-falantes na experiência musical. **RUA – Revista Universitária do Audiovisual**. 2008. Disponível em http://www.ufscar.br/rua/site/?page_id=307. Acesso em 23 de novembro de 2008.

GUIMARÃES, César & LEAL, Bruno. Experiência estética e experiência mediada. **Revista Intexto**, volume 02, n. 19, 2008, p. 01 – 14.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Production of Presence**. Stanford: Stanford University Press, 2004.

_____. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998a.

_____. O campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b.

IAZZETA, Fernando. **Música e mediação tecnológica**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2009.

KITTLER, Friedrich. **Discourse networks 1800/1900**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

_____. **Gramophone, film, typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SEEL, Martin. **Aesthetics of Appearing**. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.